

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

PESTE SUÍNA AFRICANA E PESTE SUÍNA CLÁSSICA: ATUALIDADE¹

PESTE SUÍNA AFRICANA E PESTE SUÍNA CLÁSSICA: ATUALIDADE

Adrielle Wottrich Stiebe², Ana Caroline Bieleski Berlezi³, Maria Andréia Inkelmann⁴

¹ XXVIII Seminário de Iniciação Científica

² Acadêmica do curso de Medicina Veterinária - adriestiebe@gmail.com

³ Acadêmica do curso de Medicina Veterinária - carol.bieleski@hotmail.com

⁴ Professora orientadora, Médica Veterinária, Dra. em Patologia Animal - maria.inkelmann@unijui.edu.br

INTRODUÇÃO

A Peste Suína Clássica (PSC) e a Peste Suína Africana (PSA), são doenças de origem viral, que afetam suínos domésticos e selvagens e são altamente contagiosas, apesar disso ambas não trazem riscos aos humanos por não possuírem potencial zoonótico. A carne suína brasileira é uma das mais exportadas no mundo, isso se deve a qualidade em que ela é produzida em nosso país e as condições sanitárias. Nesse contexto, as doenças infecciosas, caracterizadas por surtos súbitos, que muitas vezes tomam proporções epidêmicas, representam uma ameaça. (MORAES, 2019)

Este trabalho busca abordar a Peste Suína Africana e Peste Suína Clássica, diferenciando-as, visando as suas particularidades e trazendo a sua situação atual no Brasil e no mundo bem como o seu impacto na economia.

Palavras-chave: Atualidade, Suínos, Peste, Vírus, Economia

Keywords: Actuality, Swine, Plague, Virus, Economy

DESENVOLVIMENTO

Peste Suína Clássica

A PSC é causada por um vírus RNA, pertence à família *Flaviridae*, gênero *Pestivirus* tendo um alto potencial de mortalidade. Trata-se de uma doença cosmopolita, mas alguns países são considerados livres, como é o caso da América do Norte, Europa, Austrália, Nova Zelândia, Chile, Argentina, Paraguai, Uruguai e parte do Brasil, como mostra a Figura 1. (GAVA, 2019)

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica
ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

OIE Members' official classical swine fever status map

Last update May 2020

Click on a region to

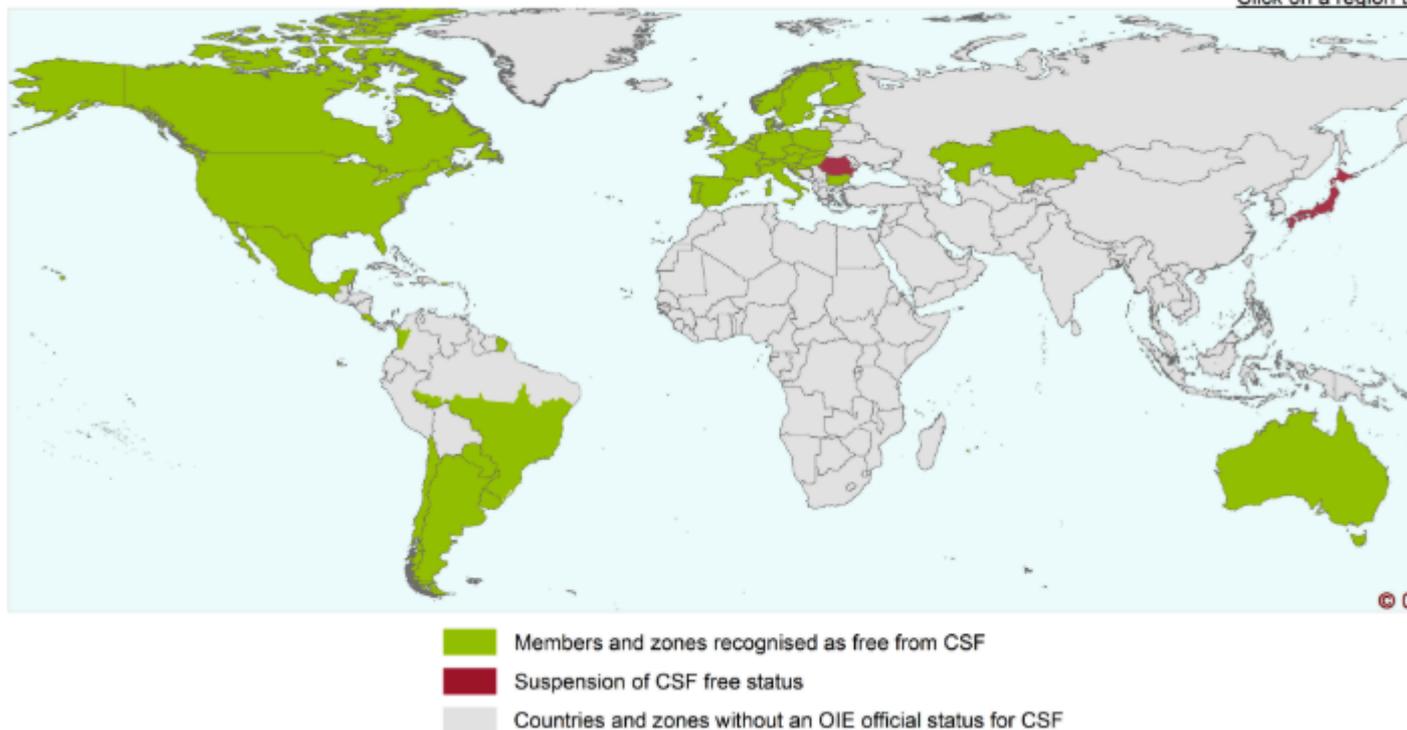


Figura 1: Situação sanitária oficial da Peste Suína Clássica no mundo (OIE, 2020).

A principal forma de transmissão é pelo contato direto entre suínos infectados e suínos suscetíveis, sendo as vias, oral e nasal as mais importantes, podendo ter como entrada outras mucosas, como a genital por exemplo. Pode ocorrer transmissão congênita na qual o filhote torna-se uma fonte de infecção para outros suínos. Outra forma de transmissão é pela ingestão de produtos de origem suína que estejam contaminados pelo vírus. (MORAES, 2019)

O vírus da PSC apresenta um período de incubação de 2 a 15 dias e os sinais clínicos variam de acordo com a virulência da cepa, sendo divididos em forma aguda e crônica. Na forma aguda ocorrem hemorragias significativas em diversos órgãos e tecidos, principalmente na pele, baço e linfonodos que estarão aumentados de tamanho. O animal apresentará fraqueza, anorexia, conjuntivite e febre alta e, ainda pode estar com andar cambaleante progredindo para perda da motricidade nos membros posteriores e ainda podem ter sinais respiratórios e digestivos. A morte geralmente ocorre em uma a três semanas. Na forma crônica os animais apresentam anorexia, depressão, altas temperaturas e constipação, esses sinais geralmente regridem em algumas semanas e podem aumentar novamente, podendo ser fatais para esse animal. Os animais tornam-se imunossuprimidos. (CFSPH, 2009-2015)

No Brasil a PSC é de notificação obrigatória e muitos estados são considerados livres, são eles: Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Bahia, Sergipe, Tocantins, Rondônia, Acre, Distrito Federal e mais quatro municípios amazonenses. Além disso, existe o Plano Estratégico Brasil Livre de PSC, que visa maior vigilância e implantação de vacinação de forma regionalizada. (MAPA, 2019)

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

Em países em que a PSC é endêmica, ela pode ser excluída do rebanho com o uso de vacinas, introduzindo animais livres da doença, quando chegam à propriedade, deixá-los em quarentena e realizar o teste para detecção do vírus. Surtos em regiões livres do vírus da PSC geralmente são erradicados através do abate de animais confirmados e animais em contato, limpeza e desinfecção das instalações, eliminação segura das carcaças, controle de trânsito/quarentena e vigilância. (CFSPH, 2009-2015)

Embora atualmente a ocorrência dos focos da doença no Brasil esteja limitada à zona não livre, caso ocorra seu ingresso na zona livre, o impacto econômico, de acordo com estimativas realizadas pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) em 2018, pode variar de R\$ 1,3 a R\$ 4,5 bilhões, considerando diferentes cenários. (MAPA, 2019)

Peste Suína Africana

A peste suína africana (PSA) é uma doença altamente contagiosa, causada por um vírus de DNA fita dupla, pertencente à família *Asfarviridae* do gênero *Asfivirus*, não é uma doença zoonótica, é exclusiva de suínos domésticos e asselvajados (javalis e cruzamentos com suínos domésticos). (EMBRAPA, 2019)

A transmissão pode ocorrer por vetor, como o carrapato do gênero *Ornithodoros spp*, natural da África, pelo contato com alimentos de origem suína que estejam contaminados com o vírus ou ainda por contato direto entre suínos através de secreções nasais e orais. O período de incubação varia de 5 a 15 dias, varia de acordo com a forma de inoculação do vírus. (MOURA, 2009)

Os sinais clínicos estão relacionados com a virulência da cepa e a dose infectante, e os animais podem apresentar sinais clínicos agudos ou não demonstrarem sinais. Entre os sinais clínicos da PSA se destacam: febre, apatia, secreção ocular pegajosa, diarreia, fraqueza nas patas traseiras, respiração ofegante, sangue nas fezes, manchas azuis ou rochas nas orelhas, pescoço, cauda e ventre dos animais. Em todos os graus de severidade da doença, a taxa de morbidade é alta em suínos que apresentam contato constante. (ALMEIDA, et al 2014)

A PSA é uma enfermidade que pode apresentar alta morbidade e letalidade, devido a isso o seu tratamento não é realizado, principalmente em função econômica. O animal que entrou em contato com o vírus, desenvolveu a doença e se curou se torna um portador. Este animal passará a disseminar o vírus no ambiente, além de contaminar mais vetores, impossibilitando assim o controle da mesma. (MOURA, 2009)

O controle através de vacinas é inviável devido ao fato de as vacinas terem uma baixa produção imunológica, sendo elas com vírus inativado ou não, a identificação de animais vacinados e contaminados não pode ser feita. Para o controle efetivo é realizado o abate sanitário imediato dos animais e destruição de focos de contaminação e vetores, esse processo é realizado em países não livres. Já em países livres da PSA como o Brasil, o controle é baseado no cuidado na introdução de novos animais nas granjas, proibição do trânsito de pessoas desconhecidas, além do cuidado com a alimentação e água. (MOURA, 2009)

Apesar de estar ocorrendo surto da doença em países da África e Ásia (Figura 2), ou seja, continentes que ainda não são livres. O Brasil não apresenta nenhum caso, assim como todos os países da América, devido a isso, medidas de controle estão sendo tomadas em todas as granjas, a fim de evitar um possível surto. (ABPA, 2019)

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica
ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

A PESTE SUÍNA AFRICANA NO MUNDO

O mapa mostra os países com suspeita, presença confirmada e introdução do vírus da PSA entre o segundo semestre de 2018 e o primeiro semestre de 2019.
Fonte: OIE, World Animal Health Information System
Mapa: Mapbox.com



Figura 2. Situação atual mundial da Peste suína Africana (EMBRAPA SUÍNOS E AVES, 2020)

Uma avaliação superficial do prejuízo da introdução do vírus na população de suínos do Brasil, população esta que é cerca de dois terços menor que a americana, ficaria em torno de US\$ 5,5 bilhões, baseado no número de suínos abatidos por ano (EMBRAPA, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a peste suína clássica e a peste suína africana são importantes enfermidades que acometem suínos, apesar de não serem patologias zoonóticas, causam grande prejuízo às pessoas devido ao grande impacto econômico que um surto delas traria. Os sinais clínicos que estas enfermidades causam geram um sofrimento muito grande aos animais e, como não há um tratamento específico, o sacrifício sanitário é a única solução nestes casos.

Devido a isso todas as medidas de proteção, cuidado e sanidade devem ser tomadas em granjas suinícolas para evitar a chegada destes vírus na propriedade, a orientação aos produtores e o cuidado de seguirem as normas é extremamente importante.

Atualmente, nosso país é livre da PSA, porém, todas as medidas de cuidado necessárias estão sendo tomadas, devido ao grande número de casos que existe em países do continente asiático e africano, caso este vírus chegue em nosso país os prejuízos seriam grandiosos.

Já a PSC ela é ativa no Brasil, principalmente na região nordeste, região sul e sudeste são livres, devido a isso todas as medidas de cuidado diariamente são tomadas nas granjas, além de barreiras sanitárias que permitem evitar a disseminação do vírus de regiões não livres para regiões livres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, H. M. S., GATTO, I. R. H., MARINI, R. L., OLIVEIRA, M. E. F., SAMARA, S. I., OLIVEIRA, L. G., “Diferenciações entre as enfermidades hemorrágicas dos suínos.” Nucleus

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica
ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

Animalium, v.6, n.1; Maio, 2014

EMBRAPA SUINOS E AVES, **Peste Suína Africana**. Concordia- SC. [2020]. Disponível em: www.embrapa.br/documents/1355242/39231490/Ag%C3%A2ncia+de+Not%C3%ADcias+-+Embrapa+Su%C3%ADnos+e+Aves++Mapa+PSA+2019++C%C3%B3pia.jpg/63509a07-8885-b8e4-7a7f-e046bb87abf2?t=1560192524730. Acesso em: 08 de julho de 2020, 15:48

GAVA, Danielle. Peste Suína Clássica e Peste Suína Africana a situação mundial e os desafios para o Brasil. **Embrapa Suínos e Aves**. Concórdia, SC. 2019. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/1117268/peste-suina-classica-e-peste-suina-africana-a-situacao-mundial-e-os-desafios-para-o-brasil>. Acesso em 5 jul, 2020.

MAPA. Plano Brasil livre de PSC. **Enagro**. Brasília: MAPA/ACE, 2019. Disponível em: enagro.agricultura.gov.br/noticias/a-enagro-nos-estados/PlanoBrasilLivredePSCv21.pdf. Acesso em: 8 jul, 2020.

MORAES, Geraldo Marcos de. Peste Suína Clássica e Peste Suína Africana: as doenças e os riscos para o Brasil. **CFMV**. n82 - 2019 ANO XXV. Brasília DF. Disponível em: www.alice.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/115468/1/final9276.pdf. Acesso em 4 jul, 2020.

MOURA, JOSÉLIO DE ANDRADE, “**A Peste Suína Africana no Brasil: a epidemiologia, os registros históricos, a erradicação da doença e o desenvolvimento da suinocultura pós – ocorrência.**” Brasília – DF. Fevereiro, 2009

OIE. **World Organization for animal Health**. Paris, 2020. Disponível em: <https://www.oie.int/animal-health-in-the-world/official-disease-status/classical-swinefever/map-of-csf-official-status/>. Acesso em: 7 jul, 2020.

Peste Suína Clássica. **CFSPH**, 2009-2015. Disponível em: <http://www.cfsph.iastate.edu/Factsheets/pt/classical-swine-fever-PT.pdf>. Acesso em 8 jul, 2020

Parecer CEUA: 98163218.7.0000.5350